

O DISCURSO DA REVISTA VEJA NO CONTEXTO DA CRISE DO MENSALÃO*

Welisson Marques **

Resumo. Esse artigo, inscrito sob a visada teórica da Análise do Discurso erigida por Michel Pêcheux ([1975] 1988, [1983] 1999), propõe analisar o sujeito que perpassa os discursos atinentes ao Partido dos Trabalhadores em *Veja*. Para tal, selecionamos o artigo *Nocauté*, publicado pelo veículo midiático na época da suposta crise do mensalão e, nesse ínterim, pontuamos as posições-sujeito ocupadas pelo enunciador ao tratar sobre seu referente. Destarte, após a exposição do arcabouço conceptual que nos serve de sustentáculo, efetuiremos a análise proposta.

Palavras chave: Análise do discurso; Mídia; Revista *Veja*; Sujeito político.

VEJA'S DISCOURSE WITHIN THE KICKBACK CRISIS

Abstract. Themes on the Labor Party in the weekly *Veja* are discussed under the theoretical foregrounding of Discourse Analysis by Michel Pêcheux ([1975] 1988, [1983] 1999). The article, called *Nocauté*, published by the press during the supposed kickback crisis, is investigated and, in the meantime, the main positions occupied by the enunciator when treating the referent are discussed. Proposed analysis follows up the exposition of the concepts on which the article is based.

Keywords: Discourse analysis; Communication media; *Veja*; Political subject.

EL DISCURSO DE LA REVISTA VEJA EN EL CONTEXTO DE LA CRISIS DEL MENSALÃO

Resumen. Este artículo, inscrito bajo la mirada teórica del Análisis del Discurso erigida por Michel Pêcheux ([1975] 1988, [1983] 1999), propone examinar al sujeto que recorre los discursos atinentes al Partido de los Trabajadores (PT) en la revista *Veja*. Para ello, seleccionamos el artículo *Nocauté*, publicado en este vehículo

* Artigo recebido em 09/03/2011. Aprovado em 28/07/2011.

** Professor nas Faculdades Associadas (Fazu) de Uberaba/MG, Brasil. Doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia/MG, Brasil. E-mail: welissonmarques@yahoo.com.br

mediático durante la época de la supuesta crisis del *mensalão* y, en ese ínterin, puntualizamos las posiciones-sujeto ocupadas por el enunciador sobre su referente. Así, después de la exposición del esqueleto conceptual que nos sirve de sustento, efectuaremos el análisis propuesto.

Palabras Clave: Análisis del discurso; Medios de comunicación; Revista *Veja*; Sujeto político.

PREÂMBULO

Em primeiro lugar, antes de efetuarmos a análise alvitrada, discorreremos sobre o aporte teórico aqui adotado. Pautamo-nos em conceitos de sujeito e sentido em Pêcheux ([1975] 1988), heterogeneidades em Authier-Revuz ([1982] 2004) e buscamos embasamento, também, na noção de identidade a partir dos estudos culturais (HALL, 2007), noção essa que coaduna com o conceito de sujeito na perspectiva discursiva.

Alguns apontamentos sobre a caracterização do discurso político contemporâneo também serão bosquejados. Para tal, embasar-nos-emos em Bourdieu (1989), Courtine (2006) e Piovezani (2009). Ademais, poder-se-ia questionar sobre qual tipo de discurso se pretende analisar nesse artigo: o político ou o midiático? A este respeito, delineá-lo-emos melhor no tópico apropriado, abaixo explicitado.

Por fim, efetuaremos uma análise discursiva da matéria *Nocauté*, publicada em 2005 pela Revista *Veja* no ápice do suposto escândalo do mensalão. Para as análises que se apresentam, embora não desconsideremos a pluralidade de vozes, as heterogeneidades constitutivas do discurso, seus equívocos e contradições, tomamos como pressuposto a presença de dois sujeitos discursivos: por um lado, o sujeito-enunciador Revista *Veja* e, por outro, o Partido dos Trabalhadores. Assim, a partir dos acontecimentos que envolvem o “mensalão” e na tensão dos discursos daí decorrentes, a análise do sujeito se possibilita no batimento descrição-interpretação em que se verificam as posições ocupadas e sustentadas pelo sujeito-enunciador, os lugares e imagens que esse sujeito constrói tanto de si quanto do outro mediante as regularidades apresentadas.

SENTIDO, SUJEITO, IDENTIDADE E HETEROGENEIDADE

Para se constituir a Análise do Discurso, Michel Pêcheux ([1975] 1988) embrenha-se no estudo do sentido – o ponto nevrálgico da linguística –, e que, inevitavelmente, abarca resíduos suspensos por Saussure ([1916] 1971) na propositura de uma ciência que estabelece o que o linguista faz. Pêcheux critica os semanticistas que tentam explicar os enunciados por meio da lógica ou do cálculo, buscando uma homogeneização dos sentidos. Este teórico não ignora o fato de já haver tentativas de incluir esses resíduos nos estudos semânticos; na verdade, a enunciação benvenistiana já havia sido bem elaborada, mas Pêcheux tinha mais em mente: trabalhar a questão do sentido em um novo patamar.

Em sua célebre definição sobre o sentido de uma palavra, ele afirma que o mesmo "não existe 'em si mesmo', isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante, mas é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras e expressões são produzidas (PÊCHEUX, [1975] 1988, p.160). As condições histórico-sociais não podem ser desprezadas, ao contrário, se enlaçam às significações e são constitutivas dos sentidos. Em vista disso, os conflitos presentes na exterioridade se revelam nas inscrições ideológicas dos discursos dos sujeitos e atestam os lugares ocupados pelos mesmos. Desse modo, para a AD, o sentido é tido não como fixo e imanente, mas movente e determinado pelas posições ocupadas pelos sujeitos.

Esse teórico articula o materialismo histórico marxista compreendido como a teoria que trata da ideologia com a Linguística que lida com os mecanismos sintáticos e os processos de enunciação. Nesses moldes, a teoria do discurso é o lugar onde se intrinca língua, sujeito e história. Todos esses elementos formam uma rede conceitual de modo que os sentidos estão imbricados aos lugares que os sujeitos ocupam e que são ideologicamente marcados. Nessa vertente, os sentidos se deslocam na História, se movimentam e ativam memórias.

Em relação à memória, a mesma concerne à existência histórica do enunciado e implica a retomada no presente de enunciados produzidos no passado. Mas não somente, ela produz a lembrança ou o esquecimento, a reiteração ou silenciamento de enunciados, conforme pontua Gregolin (2007, p. 159). Ora, um discurso faz parte de uma teia discursiva que, em sua formulação, aciona outros discursos não apenas retomando-os, mas também possibilitando a refutação, o apagamento de outros discursos que também significam.

Sobre a noção de sujeito na perspectiva discursiva, a inserção das reflexões da linguista Jacqueline Authier-Revuz ([1982] 2004) é de suma relevância uma vez que essa autora fundamenta o conceito de heterogeneidades enunciativas. Essa linguista postula que elas podem ser *constitutiva*, que é resultante de um entrelaçamento de discursos face à interação e/ou imersão do sujeito na sociedade, constituindo-o, bem como *mostrada*, que é a voz do “Outro” e/ou do outro explicitada no discurso do sujeito enunciador.

Suas reflexões são de grande pertinência, pois nos permitem verificar a presença de diferentes vozes entrecruzadas no *corpus*, visto que o sujeito, segundo a perspectiva da Análise do Discurso, é atravessado por múltiplas vozes. A noção de heterogeneidades proposta por Authier-Revuz parte da noção de dialogismo bakhtiniano para quem os discursos sempre dialogam com outros. Não obstante o sujeito ter a ilusão de ser a fonte de seu dizer, ele não é, ele é efeito da linguagem. Nessa relação dialógica, o discurso é atravessado pelo outro “sempre onipresente, e que está em toda parte” (AUTHIER-REVUZ, [1982] 2004, p. 21), ou seja, pelo social, pelo interdiscurso como também pelo inconsciente. O “Outro” refere-se à manifestação do desejo pelo inconsciente, sendo que o “Outro”, de natureza social, é constitutivo do “Outro” de natureza psicanalítica. O sujeito na ilusão de ser dono de si ou centro do seu dizer delimita o seu lugar operando como um retorno ao domínio, à ilusão de autonomia do seu dizer.

O sujeito enunciador sócio-historicamente produzido pelos discursos se revela inscrito em lugares que apontam para sua construção identitária. Como efeito da linguagem, o discurso do sujeito é constantemente atravessado pelo inconsciente, pelo “Outro” como pelo “Outro” de natureza social.

Sobre construção identitária, a noção de identidade advinda dos estudos culturais mostra-se relevante, pois coaduna com a noção de sujeito discursivo. Nessa perspectiva, a identidade também é fragmentada, plural, heterogênea e marcada pela diferença. Para Hall, tal conceito deve ser entendido “mais [como] produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica” (2007, p. 109).

As identidades assinaladas pela diferença emergem nas relações específicas de poder e podem funcionar como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para *exclure*, deixar de fora, transformar o diferente em “exterior”, em objeto. A diferença é, deveras,

a marca da identidade, “é apenas por meio da relação com o “Outro”, da relação com aquilo que ela não é, com precisamente aquilo que falta que o significado da identidade pode ser construído”; assim, “as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir” (HALL, 2007, p. 110).

Ademais, Hall (2006) afirma, também, que a identidade é relacional. A identidade do “Outro” é positivada tomando a si próprio como referência. Por extensão, compreendemos que o sujeito toma o “Outro” como referência construindo lugares e posições para si. Nessa conjectura, a demarcação de “fronteiras” constituídas tanto pelas relações quanto pelas diferenças ajudam-nos a compreender as construções identitárias do sujeito sob análise.

DISCURSO POLÍTICO

Ao mobilizarmos o termo “discurso político” neste artigo, referir-nos-emos ao discurso sobre política. Nas palavras de Indursky (1999), os *discursos sobre* são discursos intermediários que ao falarem sobre um discurso situam-se entre aquele que discursa e seu interlocutor. O discurso midiático funciona como uma modalidade de *discurso sobre*. Desse modo, lançamos mão deste sintagma uma vez que estamos analisando um sujeito enunciador que discorre sobre determinado partido político e sobre as conjunturas que o envolvem; mas que, ao enunciar, assume um posicionamento que também é político. Partindo da suposta crise sofrida pelo Partido dos Trabalhadores após o escândalo do mensalão, derivam-se inúmeros enunciados, cujo tema central é a *política*: as querelas partidárias, a pré-campanha, a busca por votos, a re-eleição do Presidente Lula, o discurso do Partido.

De modo geral, o discurso político deve ser pensado como um lugar marcado, por excelência, pela *tensão* e por *embates*. Bourdieu (1989, p. 14) discorre sobre as “lutas simbólicas” que se desenrolam no interior do campo político e acrescenta que existe uma tendência dos dominados em produzirem discursos políticos subversivos aos que se encontram em posição de domínio ao passo que estes tendem a produzir discursos que objetivam a perpetuação de sua dominância. Para este teórico, os discursos políticos devem as suas características mais específicas aos interesses daqueles que os produzem (BOURDIEU, 1989). Em outras palavras, Bourdieu discorre sobre a resistência de sujeitos inscritos em posições antagônicas. Todavia, insta pontuar que suas reflexões se inscrevem no campo da Sociologia. Nesse sentido, pensando os entrecruzamentos do sujeito e poder, constitutivos da AD, suas palavras

atestam o desejo de poder em que os sujeitos se veem investidos, sujeitos esses que digladiam entre si na busca por dominação.

Tocar no discurso político é vislumbrar uma área marcada por conflitos, visto que interesses de grupos sociais em oposição entre si estão em jogo. A palavra “política” do grego *politeia* origina-se das *polis*, cidades autônomas na Grécia Antiga. Estas eram dotadas de poder político (*politeia*) para exercê-lo nos procedimentos de controle da *polis*. A concepção grega de cidade liga-se ao de comunidade política e revela a importância dessa prática na sociedade desde então. Portanto, a política e o exercício do poder estão intrinsecamente ligados.

Em Maquiavel, considerado o pai da ciência política, essa noção refere-se não apenas à arte de conquistar, mas também de exercer e manter o poder, o governo (BOBBIO, 2002). Isso significa que aqueles que ocupam tal posição digladiarão por maior permanência possível no exercício do poder.

Nas últimas décadas observa-se, também, a tendência quanto à *espetacularização* do discurso político promovida pelos meios de comunicação. A esse respeito, Courtine realiza um estudo sobre suas metamorfoses e, para tal, observa as discursividades políticas produzidas desde a metade dos anos de 1970 pela imprensa americana. Embora seu olhar se volte para os Estados Unidos, percebemos que essas derivas se estenderam, com nuances específicas, para outros lugares, incluindo o Brasil. Vários fatores corroboram estas mudanças, entre eles, a concorrência entre as mídias que “privilegiam os efeitos de anúncios espetaculares” (COURTINE, 2006, p. 141), bem como o acesso a fontes duvidosas, instigado pela aceleração dos ritmos da informação, o qual favorece a produção de trabalhos superficiais e duvidosos.

Tais mudanças alteraram significativamente o modo de produção do discurso político na atualidade e apontam para a produção de subjetividades: “a orquestração dos escândalos encoraja o cinismo da opinião e preside o desenvolvimento de uma cultura da desconfiança em relação às pessoas públicas” (COURTINE, 2006, p. 143). Essa desconfiança que reside o discurso político é ecoada em frases do cotidiano como “político é *tudo* [sic] ladrão”, atestando o descrédito social latente em relação aos agentes políticos. Isso se agrava com as constantes divulgações de corrupção e falta de punição dos culpados. O resultado é que “a noção de informação perde sua referencialidade e a realidade política se enfraquece” (COURTINE, 2006, p. 142).

Os debates televisivos e, mais recentemente, a configuração de determinados programas jornalísticos em que se realizam perguntas sobre as mais diversas áreas, algumas até inusitadas, para colocar o candidato à prova, indicam que, ao mesmo tempo em que a desconfiança permeia, ela também fomenta a busca por legitimidade no discurso político (BOURDIEU, 1989). O *homo politicus*¹ deve se portar com confiança e construir o *ethos* de competente para governar. A hesitação, a dúvida, ou mesmo o excesso de confiança podem arruinar toda uma campanha.

Já o discurso político veiculado pela mídia impressa, diferentemente da TV, não possibilita a intervenção direta de outro candidato, ou mesmo da reação de uma plateia. A única “voz” é a do sujeito enunciativo, e sua manifestação impossibilita a interpelação do candidato, a indagação, o questionamento². Certos espaços enunciativos construídos até criam a ilusão de diálogo, de se fazer ouvir a voz do outro; todavia, o enunciativo, obviamente, é o único “regulador” de tais discursos³. Nessa conjuntura, Piovezani afirma:

Considerando que a busca pela legitimidade é um fator essencial da política, o discurso político contribui para a legitimação do próprio campo em que se inscreve, na medida em que, de modo explícito ou latente, apresenta as seguintes propriedades: o agente político possui uma visão clara e ordenada da realidade social; pressupõe sua credibilidade e fundamenta seu dizer e seu fazer na vontade de uma coletividade que lhe reconhece a competência e lhe outorga a legitimidade (2009, p. 347).

O sujeito político busca construir a imagem de conhecedor percuciente de sua área e apresenta-se detentor de dado saber cujo atributo outorga-lhe credibilidade: “anunciar-se como sendo aquele que sabe e pode promover a elisão ou o abrandamento da insatisfação que, de fato, lhe é estrutural e necessária, parece ser uma das características do

¹ Do latim: homem político.

² Referimo-nos a questionamentos diretos como os realizados em entrevistas televisivas. De modo mediato, leitores e os próprios partidos participam por meio de cartas e *e-mails* enviados à redação. Entretanto, mesmo desse modo, a publicação dos mesmos condiciona-se à aprovação editorial da revista.

³ Não queremos com este enunciado transparecer que o sujeito enunciativo “escolhe” seus discursos, como “dono” da língua. Apesar de, na prática, a revista *Veja*, nos moldes aqui apresentados, configurar-se um sujeito discursivo, a escolha das matérias e imagens veiculadas se estabelece sob uma ilusão necessária de autonomia e consciência dos discursos deste sujeito.

discurso do campo político" (PIOVEZANI, 2009, p. 136). A ausência do mesmo, ou seja, a falta de conhecimento implica incompetência e, por conseguinte, descrédito para o exercício de sua função. Nesse ponto, a legitimidade concerne, dentre outros aspectos, o falar iniludível que possibilita a construção de efeitos de verdade sobre si e o discurso (do) político se submete à exigência da injunção à verdade, do falar-verdadeiro: "não podemos deixar de vislumbrar uma estreita relação entre a busca constante da política pela legitimidade e pelo poder e as incessantes tentativas do discurso político de produzir efeitos de verdade sobre si" (PIOVEZANI, 2009, p. 352).

Desse modo, se por um lado, o sujeito afirma a própria capacidade, por outro, tentará retirá-la de seus oponentes. Essas considerações trazem-nos à memória o conceito de poder foucaultiano, inerente ao sujeito, e exercido em práticas discursivas. Se o sujeito busca se legitimar, sujeitos em oposição a dado sujeito serão tachados de incapazes, desqualificados e submetidos a desconfiças e acusações, conforme observa Piovezani:

constantemente submetido a desconfiças, denúncias e acusações, visto que a origem de sua força é também o princípio de sua debilidade, ou seja, visto que suas *fides* e *auctoritas* advêm de onde brotam dúvidas, dívidas e descréditos, o campo político caracteriza-se por uma incessante busca de legitimidade (2009, p. 133).

Neste ínterim, a *ridicularização*, seja ela verbal ou não-verbal é outro aspecto pertinente acerca da caracterização do discurso político que acreditamos emergir nas análises que se apresentarão. A desqualificação se revela nas denúncias, ou simplesmente desconfiças marcadas pela ironia e zombaria, mas que se apresentam atenuadas face a essas acusações, tidas como "incontestáveis".

Em um campo onde a busca por legitimidade se faz presente, conforme assinalamos anteriormente e, em tempos de espetacularização política, o mensalão parece ser apenas um pano de fundo em um palco onde os atores-políticos principais são reiteradamente desqualificados. Portanto, realçar a impotência e a debilidade com o intuito de desqualificar o adversário é uma marca do discurso político contemporâneo.

Destarte, acreditamos que os discursos veiculados, possibilitar-nos-ão visualizar regularidades que apontam para a ilegitimidade do Partido dos Trabalhadores, uma de nossas hipóteses desta análise. Assim,

o sujeito enunciador não narra os acontecimentos simplesmente, mas seu discurso, perpassado pelo poder que lhe é constitutivo, explicita seus favorecimentos político-partidários.

ANÁLISE DE *NOCAUTE*

Nocaute é o título da matéria publicada pela Revista *Veja* na edição 1910 em 22/06/2005. Este termo utilizado em esportes de luta como o boxe significa “fora de combate” e resulta da derrocada do adversário quando este não consegue mais se levantar, conferindo a vitória ao seu oponente. Apenas o árbitro é quem tem poder de decisão sobre a existência do nocaute no jogo.

Este termo que metaforiza o combate político faz referência à saída de José Dirceu e, por conseguinte, segundo o enunciador, a tentativa por parte de Lula em *salvar o governo e sua biografia*. Compreendendo que a identidade mantém relações intrínsecas com o poder, é construída no social e pode ser imposta na batalha por lugares privilegiados, sendo que estes embates serão sempre perpassados pelos discursos, *Veja* em posição de judicatura no certame político decide o nocaute *contra* o partido em questão.

Conforme assinalamos acerca da identidade, compreender a constituição de dado sujeito implicará sua (re) construção identitária; isso implica até mesmo silenciá-lo (HALL, 2007, p. 110). De tal modo, há o apagamento sobre quem venceu o combate, pois na luta esportiva a vitória é dada *a favor* de alguém. Se o PT foi nocauteado, há implicitamente a ideia de que alguém o fez e obteve a vitória. Talvez, para não demonstrar apoio explícito a algum partido opositor, o que se enuncia é que ele foi nocauteado, mas pelo próprio desejo de locupletação.

Essas considerações nos remontam a Pêcheux, que ainda em 1983, na análise de *on a gagné*, compara a comemoração da vitória de François Mitterrand ao triunfo de um time em uma decisão futebolística. A analogia ao esporte se evidencia nas configurações deste tipo de discurso, refletindo no político as demarcações claras de um vencedor e outro perdedor advindas do combate esportivo. Discursos que marcam a competição, a rivalidade.

Pensando ainda as condições em que se estabelece o fim da luta, nestas particularidades, os efeitos de memória referentes ao sujeito nocauteado trazem as lembranças dadas imagens: agonia, fadiga, dor,

tristeza, derrota; memória essa possibilitada pelas condições de produção destes discursos e que se dirigem diretamente ao Partido dos Trabalhadores.

Ainda sobre o *nocaute*, tal lexema emerge no início do artigo, produz sentidos; mas, em nenhum outro momento é sugerido, nem tampouco repetido na materialidade. O título, como “antecedente” ao texto, funciona como um implícito que condiciona os efeitos de sentidos destes discursos incorporados ao longo do texto. Para o enunciatário, o *nocaute* está *lá*, está posto, como que diluído, auferindo sentidos a estes discursos. Do mesmo modo que o *nocaute* se dá uma vez, geralmente após o combatente desferir o golpe certo em seu adversário, a saída de José Dirceu foi o revés final contra o partido em questão.

Na capa da Revista se nos apresenta uma estátua de Lula com muitas rachaduras e ruindo com a seguinte indagação em caixa alta: “Tem conserto?”. O que retrata a visão do sujeito-enunciador sobre quem é o PT e Lula não é a interrogação, mas as particularidades em que se encontra o político principal e símbolo do partido. Sua efígie se nos apresenta em processo de desmoronamento, com rachaduras e com um fundo em tonalidade lúgubre cuja cor azul-acinzentada – diferente de um céu azul claro – indica o cenário pouco auspicioso do momento e aponta para a falta de perspectiva política.

A imobilidade inerente à estátua, representação do político, sugere sua inércia diante do escândalo. O fato de indagar se há conserto e mobilizar dada imagem demonstra que Lula já está *lá*, neste lugar (imaginário e não real, cf. PÉCHEUX, ([1969] 1990, p. 82), em desfalecimento, indolente, e não *em outro*. A estátua gélida e imóvel vai de encontro à necessidade de ação imposta pelo verbo tentar, em *tenta salvar*, e exprime oxímoro.

Apesar das peculiaridades da capa observadas até aqui, a resposta ao questionamento sobre haver solução para o Partido produz a ilusão de a mesma ter sido deixada à deriva do enunciatário. Todavia, como a AD implica “operações de leitura” (FERNANDES, 2007, p. 81), a tese de não haver conserto se evidencia, de modo indireto, nos elementos acima apontados, e, de modo direto, na ligação existente entre tal questionamento e o título da matéria dentro da Revista: o *Nocaute*. Conforme assinalamos, tal lexema indica a posição ocupada pelo PT sob a ótica de Veja nesse momento: um partido “nocauteado”, derrotado e que não tem conserto. Portanto, a leitura que se faz é que se no esporte o adversário, neste estado, não possui mais chances, no jogo político, o

mesmo afligido pelo golpe perde as condições de disputa eleitoral⁴. Assim, o sujeito-enunciador realiza a indagação, mas por meio da análise dos elementos constitutivos da capa, somado ao título da matéria, interpela seus enunciatários, evidenciando-lhes a resposta e assentando sua posição.

Em pleno choque de perder um auxiliar como Dirceu, Lula voltou a ameaçar desistir da reeleição. "Eu não sou Collor. Não sou Fernando Henrique. Não vou sujar minha biografia por causa de uma reeleição", desabafou. O complicado é que Lula tem sido enfático apenas nas palavras. Em seu programa quinzenal de rádio, disse que estava "indignado" com as denúncias de corrupção e prometeu que não sobrá "pedra sobre pedra". Mas dois dos sete diretores afastados do comando dos Correios sob denúncias de corrupção foram contratados como "consultores" da nova diretoria sem que se tenha colhido um único indício de que ambos sejam inocentes.

Com a saída de Dirceu, o presidente aproveitará para fazer uma reforma ministerial – panacéia que aparece em todos os momentos de dificuldade, mas que, até agora, nunca saiu do papel.

No primeiro excerto, o sujeito-enunciador expõe que Lula mostra-se *indignado* com a corrupção. Sua fala até parece atestar-lhe certa honestidade: *não vou sujar minha biografia por causa de uma reeleição*. Todavia, esses dizeres são ironizados e suas afirmações colocadas em xeque quando se pontua com aspas os sintagmas *indignado* e *pedra sobre pedras*. Para o enunciador, o presidente está sendo indolente e essa ausência de coerção se reforça ao se afirmar que Lula fará uma reforma ministerial, mas que, até então, a mesma *nunca saiu do papel*.

É relevante observar que o ponto principal destes excertos é a reeleição. Sendo assim, percebemos o contraste entre os comentários sobre Lula desistir da recandidatura para não sujar sua biografia e a colocação do sujeito-enunciador que ele tem sido enfático *apenas em palavras*. O sujeito expõe sua expectativa por mudanças: *o presidente aproveitará para fazer uma reforma ministerial*, mas revela-se frustrado e decepcionado por não vê-las. Essa reforma é apenas *panacéia que aparece em todos os momentos*

⁴ Afirmamos isso com base nas outras análises aqui empenhadas em que o sujeito enunciador mostrar-se-á favorável ao *impeachment* de Lula e a sua não recandidatura à Presidência da República nas eleições de 2006.

de dificuldade, mas que, até agora, nunca saiu do papel. Reitera-se a posição demagógica, de falastrão do outro e essa crítica deixa implícita sua discordância à continuidade partidária do mesmo.

Conforme pontuamos acima acerca do discurso político, um de seus elementos caracterizadores é a tendência à desqualificação do adversário. A imagem que se cria de Lula, por meio da análise destes excertos, é de um político que fala, porém, além de não agir, tampouco seus dizeres são tidos como verdadeiros. Assim, em um campo onde se busca constantemente a legitimidade, os discursos produzidos geram dúvidas e desconfiças acerca do referido candidato.

Valério compensava sua falta de experiência no ramo com a aptidão para a criação e o atendimento. **Criação de negócios e atendimento a poderosos, bem entendido** – nada a ver com aquelas duas áreas estratégicas da propaganda propriamente dita. (grifos nossos)

Neste excerto, embora não se discorra diretamente sobre o PT, a este se liga, de modo indireto, por meio desta rede de discursos enlaçados entre si e que corrobora a ideia do *nocauté*, título da matéria, o qual envolve o referido partido. O enunciador faz menção a Marcos Valério Fernandes de Souza, vulgo “Valério”, acusado de ser o pagador do mensalão aos partidos de base aliada ao governo. A falta de experiência a que se refere é como publicitário. Suas aptidões para a criação e o atendimento restringem-se, segundo o enunciador, à *criação de negócios* e ao *atendimento a poderosos*. O primeiro lexema grifado, de sentido opaco, parece referir-se a falcatruas. Isso pode ser depreendido pelo intradiscorso. O segundo lexema, *poderosos*, alude aos políticos recebedores de vantagens pecuniárias ilícitas. Dessa forma, de modo irônico, o enunciador evidencia quais são as únicas aptidões do seu referente.

Procurando compreender o funcionamento do sujeito, a mobilização da locução nominal *bem entendido* funciona como uma autocorreção, uma reformulação do próprio dizer; é uma espécie de heterogeneidade mostrada do discurso que atesta a presença do “Outro” constitutivo deste sujeito, cuja forma o mesmo se serve para expressar seu desejo de dominância. De tal sorte, o sujeito lança mão da ironia como recurso argumentativo, que se dá nas declarações sobre as aptidões do acusado que *nada [tem] a ver com aquelas duas áreas estratégicas da propaganda*. Em outras palavras, o enunciador além de reconhecer que Valério não tem aptidão alguma para a propaganda – dizem ser ele um

publicitário –, sustenta qual é sua única habilidade: a corrupção. Tais declarações suscitam o humor e funcionam como forma de deslegitimação direta ao seu destinatário e *mutatis mutandis*, de modo indireto, ao PT.

Cinquenta horas depois de Roberto Jefferson, o homem a quem o governo fez tudo para desqualificar, ter dito "rápido, sai daí rápido, Zé", José Dirceu deixa a Casa Civil.

Ao depor no processo de cassação de seu mandato, o deputado Roberto Jefferson, do PTB, pediu a demissão de Dirceu. "Zé Dirceu, se você não sair daí rápido, você vai fazer réu um homem inocente, que é o presidente Lula." E, olhando para a câmara de televisão, aduziu: "Rápido, sai daí rápido, Zé!". Cinquenta horas depois disso, o que aconteceu? O Zé saiu. Informado da demissão por telefone, Jefferson deu gargalhadas.

No primeiro fragmento, subtítulo da matéria, chama-nos atenção a sequência *o homem a quem o governo fez tudo para desqualificar*. O vocábulo *governo* refere-se a todo o Partido dos Trabalhadores que, embora tenha *feito de tudo*, ou seja, se esforçado ao máximo para deslegitimá-lo, mostrou-se equivocado; esta passagem *fez tudo para desqualificar* apresenta um tom de acusação contra Jefferson, mesmo injustamente. Exprime a ideia de que não importariam as razões, ele deveria ser calado. Estas sequências destacam o equívoco do Partido. Em contrapartida, no segundo excerto, as também afirmações de Jefferson *você vai fazer réu um homem inocente, que é o presidente Lula* não apresentam destaque. A inocência declarada sobre o presidente não é destacada pelo sujeito, pelo contrário, como afirmamos acima, se vislumbra o fim do partido, o *nocauté*. Inclusive na capa, enuncia-se que *Lula tenta salvar sua biografia*. Assim sendo, nessa balança, o peso pende mais para o lado das suspeitas e desdouro ao Partido.

Ainda sim, observando os dois fragmentos expostos acima, é provável que Dirceu realmente comungara da corrupção com Jefferson. Esta hipótese se intensifica com sua própria decisão de abjurar o cargo precocemente. Dirceu sairia da crise ileso ao passo que Jefferson sofreria as consequências de suas confissões sozinho. Nesse contexto, a repetição do vocativo "Zé", redução de José, no discurso direto de Jefferson em *Zé Dirceu, se você...* e *Rápido, sai daí rápido, Zé!* atesta a possível relação que ambos tinham antes do desfecho da crise. Nesse momento, alude de

forma irônica ao seu desafeto. É muito provável essa ironia face às outras declarações abusadas de quem não tinha mais nada a perder. Na sequência enunciativa, o mesmo “Zé” (da pseudo-intimidade, carregada de ironia, na voz do político) incorpora-se à voz do sujeito enunciador, não mais no discurso direto de Jefferson, ou seja, é materializada em seu discurso, como que assumindo a mesma postura de Jefferson diante de seu malquistado. O resultado das declarações: *o Zé saiu*. E acrescenta: *Informado da demissão por telefone, Jefferson deu gargalhadas*.

O QUE VEJA PUBLICOU

Na edição de 22 de setembro de 2004, VEJA publicou reportagem na qual denunciava que o PTB estava se rebelando contra o governo por falta de dinheiro. A revista informou que o PT comprara o apoio do PTB por 10 milhões de reais, mas só entregara parte do dinheiro. A reportagem dizia ainda que o acordo fora negociado por Jefferson com: José Genoíno, presidente do partido, e o então ministro José Dirceu, da Casa Civil.

O DESMENTIDO

Em nota oficial, o deputado Roberto Jefferson disse que a denúncia eram “maldosas insinuações” e garantiu que “não houve qualquer acordo financeiro entre o PT e o PTB, especialmente envolvendo o apoio às candidaturas de um ou outro partido. O acordo foi político”.

A CONFISSÃO

Em seu depoimento ele confessou que mentiu: “Naquele momento, essa informação prejudicaria violentamente a campanha de Marta Suplicy”. Jefferson disse que a mentira foi combinada com José Genoíno, presidente do PT. “Falei para o Zé Genoíno: ‘Deixa que eu mato no peito isso’”. Jefferson revelou que o valor do acordo era de 20 milhões de reais, e não de 10 milhões, como VEJA noticiara, mas o PT só pagou 4 milhões de reais.

Conforme pontuado anteriormente, as identidades dos sujeitos são marcadas pela busca pela própria legitimidade. Segundo Hall (2006), o sujeito reivindica para si, para sua identidade aquilo que é positivo. Neste íterim, um aspecto relevante sobre os discursos do enunciador refere-se aos efeitos de verdade produzidos sobre si. Na última parte de *Nocauté* há uma seção em destaque intitulada *as confissões*. Nesta, se

apresentam alguns fragmentos em que se encontram três sequências enunciativas: a primeira, retomando alguma publicação anterior de *Veja*, intitulada: *O que Veja publicou*; na sequência, há outro excerto: *o desmentido*, em que as afirmações da Revista são contestadas (na sequência selecionada o contestante é Roberto Jefferson); e, por último, na parte *a confissão*, o mesmo contestante confessa sua prevaricação.

Estes excertos, do modo como foram expostos, ou seja, uma afirmação, seguida por uma refutação, e depois, a *prova* de que tudo que fora publicado pela revista era verdadeiro, produzem efeitos de veracidade, confiabilidade e competência sobre o próprio sujeito.

Ademais, compreendendo que a identidade do outro é afirmada tomando a si próprio como referência (HALL, 2006), a identidade do sujeito-enunciador é assinalada na relação com o outro, neste caso, com os políticos filiados ao Partido dos Trabalhadores. Assim, se o discurso político é submetido à exigência do falar-verdadeiro, enquanto o sujeito-enunciador, por um lado, reforça sua posição-sujeito, ou seja, seu lugar de "verdade" e "confiabilidade", por outro lado, consentâneo com nossas observações anteriores, os efeitos de sentidos que são produzidos atestam a ilegitimidade do outro por meio de críticas a suas ações. Neste contexto de produção de efeitos de verdade sobre si em que o sujeito-enunciador desfruta de um lugar de "onisciência", reforça-se a ideia de que todas as acusações explicitadas são verídicas, e que o partido dos trabalhadores comungando com a corrupção procede de forma indolente e dissimulada.

Por fim, compreendendo ser o discurso político um discurso de busca pelo poder, e reanalizando o artigo integralmente, percebemos que nenhum de seus elementos constituintes possibilita ao enunciatário responder "sim" à indagação feita pelo próprio enunciador na capa da revista. Dito de outro modo, a posição-sujeito ocupada por *Veja* é que o Partido não tem "conserto", e, mais do que isso, o título da matéria direciona os sentidos e evidencia a impossibilidade do mesmo em seguir no certame político. Todas essas considerações são reforçadas pelos efeitos de veracidade e legitimidade produzidos pelo enunciador sobre si. Além disso, a abordagem das acusações, a *estátua* de Lula, o *Nocaute*, a saída do "Zé", as *gargalhadas* de Jefferson se apresentam com uma pitada de sensacionalismo.

À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte desse artigo, discorreremos sobre a noção de discurso sob a perspectiva da Análise do Discurso de vertente francesa, lugar onde nos inserimos teoricamente. Importa, nesta concepção, o sujeito produzido sócio-historicamente e cujos discursos não possuem um sentido fixo, imanente, único. Como a noção de sujeito implica outros conceitos, tais como sentido, identidade, heterogeneidades e memória por exemplo, discorreremos sobre estes conjuntamente neste tópico. A segunda parte destinou-se à caracterização do discurso político, dada a relevância deste tipo de discurso na temática do artigo aqui analisado e, também, por tomarmos o sujeito enunciador como um sujeito político.

Na parte analítica, a matéria *Nocauté* possibilitou-nos vislumbrar a ênfase no fim do partido se construir a partir do título da matéria. A competitividade advinda da formação discursiva esportiva – a qual demarca os lugares de vencedor e perdedor de modo claro –, é inserida no discurso do sujeito e atesta, sob essa ótica, a posição ocupada pelo partido no momento. A indolência de Lula diante de uma pretensa reforma ministerial ganha mais espaço do que sua inocência declarada por Jefferson. Somada a isso, a abordagem irônica ao narrar os acontecimentos sobre a saída do “Zé” evidencia a presença do “Outro” no discurso do sujeito e aponta suas inclinações partidárias. Todos esses discursos são perpassados pela construção de efeitos de verdade sobre si e corroboram a desqualificação de seu referente.

Por fim, no procedimento analítico desse tipo de objeto, percebemos a importância de se considerar todos os seus elementos constituintes. Nesse sentido, a relação da capa – a indagação –, com o título da matéria – já dentro da revista –, tornou-se indispensável para que pudéssemos realizar uma análise mais adequada dos enunciados nela presentes.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline [1982]. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva – elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDUCPUCRS, 2004. p. 11-80.

- BOBBIO, Norberto *et al.* *Dicionário de política*. 12 ed. Brasília: UnB, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político*. Derivas da fala pública. Trad. Nilton Milanez; Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Editora Claraluz, 2007.
- FOUCAULT, Michel. [1969]. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso no Brasil: notas à sua história. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bôsko Cabral dos (Org.). *Percursos da Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos: Editora Claraluz, 2007. p. 23-46.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DPA, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 103-133.
- INDURSKY, Freda. Da ocupação a invasão: efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto. 1999. p. 173-188.
- PÊCHEUX, Michel [1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcineli Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- PÊCHEUX, Michel [1969]. A Análise do Discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Edunicamp, 1990. p. 311-318.
- PÊCHEUX, Michel [1983]. O papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.
- PÊCHEUX, Michel [1983]. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- PIOVEZANI, Carlos. *Verbo, corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção de verdade no discurso político*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. [1916]. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1971.

